

As batalhas simbólicas, das praças e da guerra no ciberespaço: a hora e a vez da comunicação compartilhada

Nilton José dos Reis Rocha¹

Pedro Ivo Freire Vieira²

Coletivo *Magnifica Mundi*³

Resumo: Novos espaços de conflito colocam em questão as práticas da comunicação convencional dentro do ciberespaço. Ao mesmo tempo, a liberdade oferecida pela grande rede é ameaçada assim que as novas tecnologias passam a assumir também um papel dúbio de controle informacional e alternativo na multiplicação dos atores sociais comunicantes. Os limites entre as práticas da comunicação social e as guerras travadas no campo informacional se misturam, ganham corpo, forma e nome: a ameaça de ciberespionagem governamental e as práticas da comunicação compartilhada fazem parte do embate travado entre os atores sociais dentro do espaço comum da grande rede. A guerra está aberta. A rebeldia também.

Abstract: New areas of conflict into question the conventional practices of communication in cyberspace. At the same time, the freedom offered by the large network is threatened so that new technologies are also taking on a dubious role of informational and control the proliferation of alternative social actors communicating. The boundaries between the practices of the media and the wars in the informational field mix, given shape, form and name: the threat of cyber espionage and governmental communication practices shared are part of the struggle waged between the social actors within the common area of large network. The war and open rebellion as well.

1.Introdução- do medo ao controle?⁴

Os estados parecem estar assustados. As elites tremem a cada movimento. E os teóricos, na esteira de possibilidades irrealizáveis de McLuhan, das massas inconscientes e manipuláveis, estão paralisados. A rebelião das ruas, na contramão das práticas e conteúdos dos chamados meios de comunicação, anuncia que a era da *incircunscritibilidade* (Di FELICE, 2004: 292) bate à porta, a comunicação como prática cotidiano sem limites, no espaço geográfico e na plataforma planetária.

¹ . Professor da Faculdade de Comunicação-UFG e doutorando do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia- Universidade Coimbra.

² . Mestrando em Comunicação, Informação e Novos Média, Faculdade de Letras- Curso de Jornalismo – Universidade de Coimbra.

³ . As idéias , que circulam neste artigo, são uma construção conjunta de professores, pesquisadores e estudantes que compõem o *Coletivo Magnifica Mundi*.

⁴ Este artigo, articulando algum tempo de pesquisa, se inspira comentário de um militante da radiodifusão comunitária, Cloves Henrique Rocha, o *Coalhada* , que, ao receber homenagem à sua determinada luta pela livre circulação da informação, democrática, o que lhe custou um processo e pena comunitária muito recentemente, na *I Semana Magnifica Mundi e 200 anos de Imprensa*, em maio de 2008, na UFG, quando denunciou a existência de um satélite espião, o Echelon, a que universidades e centro de pesquisa agropecuárias estariam, de alguma maneira, vinculados.

A liberdade que a rede de redes promete garantir à sociedade tira o sono. Mas a falta e/ou a impossibilidade de tentativas de controle do fluxo da informação na internet fazem parte de um conjunto de falsas premissas e equívocos e não devem, portanto, ser cometidos nas análises da liberdade do acesso aos conteúdos da web. O medo acua. *Os mendigos nos metem medo*, diria Deleuze. Os Estados, na gestão dos interesses do capital, armam tentativas desse controle.

Iniciativas militares, neste sentido, o de controle do fluxo da informação nas redes telemáticas, datam muito antes do surgimento da internet e permanecem ativas até hoje. Portanto, compreender a intervenção militar dentro da grande rede é também compreender a própria história do surgimento da internet, concebida sob a ótica americana *defensiva* das possíveis consequências que a guerra fria poderia trazer aos americanos e seus aliados. Ou, melhor dizendo: ampliar os danos prováveis que eles, os americanos, poderiam fazer aos adversários e aliados?

Mas, ao mesmo tempo, é preciso compreender também , e quase ao mesmo tempo, a contra-ofensiva civil, hoje bem incorporada nos movimentos de hackativismo. Práticas de controle e estratégias políticas de filtragem do acesso aos conteúdos, via web, são corriqueiras e o investimento tecnológico, para garanti-lo, modificou a maneira como os conflitos políticos e militares ocorrem, bem como as narrativas deles, dentro e fora do ciberespaço.

Nesse sentido, limitar a compreensão das novas tecnologias de comunicação e informação como simples práticas de comutação (troca), torna-se um outro equívoco antes mesmo de compreendermos a relação entre militarismo e ciberespaço, já que o ciberespaço e a própria cibercultura garantem nesses contextos, novos ambientes de compartilhamento, troca, aprendizagem e principalmente convivência entre sujeitos e objetos ativos.

Agora mais do que nunca, o invisível transforma as palavras cruzadas, nos diferentes processos de comunicação, em atos potencialmente perigosos, de grandes consequências, mas de difícil percepção.

“Internet technology is implicated in almost everything done in world politics today. But the internet is not the free operating zone that its early proponents expected. Contrary to conventional wisdom, states have shown an increased willingness to intervene to control communication through the internet. And they have done so with precision and affectiveness.(DEIBERT et al , 2008:1)

Um contexto em que a comunicação passa a ser vista como arma, porque a estratégia bélica acompanhou a mudança e tenta, como lógica e política, interferir e moldar as práticas da comunicação, inclusive do jornalismo. Isso significa que essas mudanças, causadas pelo surgimento das novas formas de socialização, afetaram a maneira pela qual algumas nações, que se assumem como império (NEGRI,2001), objetivam legitimar o seu poder simbólico/informacional com a cibercultura. Ou no ciberespaço e a espionagem, com o terrorismo que daí decorre, é apenas uma das armas.

Com a cibercultura, um panorama novo se desenha, curioso e preocupante: a era em que os povos , grupos e movimentos sociais populares, tendo as redes como uma das ferramentas comunicacionais de mobilização mas, sobretudo, compondo uma poderosa sociedade subterrânea, quase invisível e com grande poder de articulação – e, ao mesmo tempo, soldados americanos, armados com câmeras e equipamentos de edição, se arriscam no fronte para criar vídeos virais pró-guerra. A esta lógica se vincula, cada vez mais, a produção dos jogos de guerra para os jovens e adolescentes.

De forma resumida, tentar compreender a cibercultura também do ponto de vista armamentista, é compreender que parte das suas práticas são frutos de uma racionalidade instrumental geradora de conflitos fortemente presente na vida cotidiana atual, marcada pela exacerbação técnica. No entanto, essa nova realidade da cibercultura (e do setor militar) não pode ser vista de forma linear e determinista no sentido em que reduz o agir social às práticas tecnocratas. As próprias ideias contidas, nas estratégias de guerra, passaram a ser ainda mais complexas nesse sentido.

Fazer guerra, portanto, passa a significar ocupar um novo campo de atuação, onde as novas práticas da convivência trocam conteúdos e idéias:

“For both old and new media, message stickiness is enhanced by the 'human connection'. In this, new media is opening up tremendous future possibilities: 'Blogs allow a one-to-one peer connection with somebody else. Blogging is actually giving you (in the cyberworld) a capacity for one-on-one human interaction. And it is these human connections that count the most' (COLLINGS E ROHOZINSKI, 2008:32).

Este é o novo desafio. Pensar e construir a comunicação num espaço onde as potencialidades do uso da informação, para finalidades não-armamentistas, estão fortemente presentes. Nos movimentos sociais, por meio dos cyberpunks, pioneiros à partir da década de 80 (hackers, phreakers, crackers, lamers, cyberterrorists, hacktivists e etc) e na superação das tentativas dos Estados em impor controle aos fluxos do

ciberespaço. É, por sorte, empurrar o inimigo (público e coletivo) à lona e vencê-lo num terreno que diz dominar completamente. Mas sabe que não.

Sob a promessa de segurança completa, contra as práticas virtuais que considera *criminosas*, se passou a justificar as tentativas de controle da informação por parte dos governos (Carnivore, GhostNet, ECHELON, etc), que culmina com o esforço, entregovernos, em impedir o trabalho, o free flow, ou livre fluxo, que sempre defenderam, do wikileaks e no Brasil, via rádios e TVs comunitárias que, mesmo no governo do PT, viraram moedas de trocas no congresso.

No contexto, o ciberespaço é o *novo local* dos embates de outra natureza (MARCONDES,1986), o simbólico. Plataforma, visível e invisível, principal responsável por conseguir associar, no contexto cultural contemporâneo, a abundância informacional que a sociedade tanto sonhou com os ideais críticos e com as novas iniciativas de utilização da comunicação como uma prática subversiva/libertadora e, ao mesmo tempo, geradora de outros conflitos nunca antes vistos.

Dessa forma, pensar a prática do jornalismo, como uma atividade criadora e um trabalho compartilhados, dentro das possibilidades do ciberespaço, significa incluir a prática da comunicação social, feita dentro ou fora do círculo midiático convencional, no novo ambiente de embate virtual onde as palavras contam muito mais do que se diz ou aceita. Onde o jornalismo - como se conformasse uma *falsa consciência* - na ótica neoliberal, sempre esteve comprometido⁵.

Isso porque, na convergência de ambientes do ciberespaço (blogs, chats, redes sociais,web-jornais/tvs e rádios, além das rádios em comunidade, etc), numa criação colaborativa e comunitária – onde um *novo jornalista*,como exigência inadiável, estaria implicado, na sua formação e na realização profissional, humana - a *outra* comunicação que se constrói. Já que no ciberespaço, o antigo, o novo, o comum, o complexo, o local e o global, o especialista e o não-especialista, o doutor e o que não lê certos alfabetos, o sábio e o petulante, o inglês e as outras centenas de línguas se encontram.

De maneira também incontrolável, como numa revanche.

2. A cibercultura contemporânea - A comunicação e as novas tecnologias

“Global Domination Through Media Saturation”²

⁵ Para compreender isto, a leitura atenta da narrativa detalhada e crítica de Ferreira, Argemiro, em:

² O “Cult of the Dead Cow” (Culto da Vaca Morta) ou “cDc”, é um grupo de atuação hacker que existe desde 1984 na cidade de Lubbock, Texas. O grupo tem como princípio de atuação, o lema “Global Domination Through Media Saturation” (Dominação Global Através da Saturação da Mídia). O “cDc” foi conhecido por suas publicações eletrônicas e pelo envolvimento em contextos de ciberguerra

À partir dos anos 40, a cibernética e as ciências da computação ganham espaço e expandem-se em outros saberes criados a partir de uma necessidade técnica bastante presente nas ciências características daquele momento: cibernética (1948), inteligência artificial (1956), teoria da auto-organização dos sistemas (década de 60), tecnologias de comunicação (rádio e televisão) e redes telemáticas (década de 50). A junção desses saberes é que criou as bases do conhecimento que leva a conformação da cibercultura (Castells, 2009).

Para o autor, as tecnologias de comunicação, como a televisão e o rádio, fizeram parte, desde o início, de um processo importante de estudos da informática, que culminaram na invenção do microcomputador pessoal e, posteriormente, da internet (fruto da conexão de microcomputadores em redes locais). Assim, pode-se entender a comunicação digital fortemente presente na sociedade contemporânea como parte não somente de um conjunto de técnicas, características da própria comunicação ou de conceitos específicos dessa área, mas também de uma interdependência tecnológica de desenvolvimento histórico existente entre a informática e a comunicação.

Entender, portanto, o novo contexto tecnológico, sem pensar as práticas sociais envolvidas na relação *homem-máquina* ou *homem-objeto*, torna-se impraticável. Separar o humano e a sua técnica criadora, também é impossível. A popularização da tecnologia, envolvida nos meios de comunicação, não existiria se o imaginário conceitual dessas práticas não estivessem profundamente enraizados nas antigas relações mágicas e ancestrais que nós, os humanos, sustentamos com a natureza técnica transformadora do mundo, para além das novas relações de convivência que o ciberespaço criou.

A concepção do imaginário que sustenta o conceito da internet, por exemplo, se situa muito antes da concepção tecnológica da grande rede pelos americanos. Se o *kiphu* inca, em nós tridimensionais, sentam as bases da linguagem computacional – a que os espanhóis estabeleceram uma guerra sem trégua e destruidora, porque, nas escritas nos fios contavam coisas e escreviam outra história quanto à conquista e seus conquistadores - os maia, na sua quinta profecia, anunciam que chegará o dia em que não serão necessários os tambores e da fumaça para nos comunicar. Isto será feito à

(especificamente entre China e Iraque em Janeiro de 1999). O “cDc” é responsável ainda pela abertura de algumas informações contidas nos servidores do governo comunista Chinês, no final da década de 90. Nessa época, o governo mantinha um crescente processo de censura política sobre conteúdos chineses na internet. Esses conteúdos não estavam ao alcance dos civis por serem considerados como “indevidos” pelo governo e consistiam em matérias ou denúncias de corrupção, abuso de poder, vídeos, fotos e etc.

*distância e de forma invisível*⁶(*apud* BARBERO e LIMA, 2001). Ou seja, a história vem de mais longe:

Esta fase caracteriza-se como uma técnica de sacralização, de acordo com Miguel e Ménard. Aqui o universo técnico não é autônomo frente à natureza ou às esferas da vida social. A técnica é, ao mesmo tempo, um instrumento profano (transgressão da ordem da natureza) e potência mágica e simbólica (transformação do mundo). Consequentemente, o objeto técnico, preso a este esquema de transgressão será, para sempre, depositário de um medo e de uma fascinação que nos perseguem até os dias de hoje. É sem sombra de dúvida, o que vivemos na cibercultura, já que a civilização contemporânea mistura temor e deslumbramento pelos objetos técnicos.(Lemos, 2008:40)

A significação ancestral, vinda da simbologia da *linguagem escrita* dos povos, é importante ao gerar componentes necessários para o debate posterior, pela cibercultura, entre formas de construção do saber e a técnica envolvida do processo. A representação da palavra, para os incas, se dava numa lógica que relaciona a *leitura/decifragem* da informação com uma base de dados específica(próxima à lógica das ciências informáticas). Os *kipus* nada mais eram do que representações que obedeciam a determinadas regras de indexação, em nós cuidadosamente feitos numa corda. (MANN, 2007 : 71)

Os nós podiam ser “processados” ou “lidos” por outros sujeitos (os *Quipucamayocs*) que detinham os conhecimentos necessários para a interpretação dos códigos envolvidos. Normalmente, continham equações matemáticas, estatísticas, calendários e etc, mas serviam, assim como em outras linguagens, como uma base de dados do próprio conhecimento (neste caso, inca). Esse exemplo serve de referência para se compreender que o entendimento do ciberespaço não provem apenas da tecnicização dos processos de interação com as informações de um determinado contexto, mas também da apropriação cultural que se faz da técnica em si.

2.1. A reação participativa nas redes *civis*

O exacerbar da técnica da informação e da criação de sistemas de armazenamento de dados não é algo novo.Toda essa grande investida social sobre a tecnologia, desenvolvida nas redes telemáticas que culminou no nascimento de

⁶ . Llegará un día em que un hombre te hablará a miles de kilómetros de distancia y tu ,tranquilmente, le podrás escuchar donde estes, mas no le podrás ver por estar tan lejos”. *V Profecia Maia* (*Apud* BARBERO e LIMA, 2001)

movimentos sociais, antenados com as novas tecnologias como o hacker, fruto do ciberpunk, se dá devido a um importante processo de aprimoramento técnico encabeçado por medidas estatais pró-avanço tecnológico, que, pouco a pouco, passaram a ser absorvidos pelas sociedades. Em vários pontos do planeta, e numa articulação caótica e libertária ao mesmo tempo, uma poderosa rede dava seus primeiros passos.

No caso ciberpunk, na década de 80, a reação participativa das pessoas sobre essa nova tecnologia computacional sugeria que não somente uma nova maneira de interagir havia surgido, mas ,também, que todos os conteúdos contidos e produzidos nesse espaço de interação possuíam uma potencialidade comunicativa antes nunca vista: o surgimento de comunidades virtuais passou a garantir não só a livre criação de conteúdos, com a finalidade de convívio entre os envolvidos, mas também de desenvolvimento das tecnologias das quais essas pessoas utilizariam. Surgem aí as bases dessa era dos bens simbólicos comuns e compartilhados.(AIGRAIN, 2005)

O ideal político do software livre, que surge num momento um pouco posterior a este, já podia ser percebido em diversas comunidades de desenvolvedores independentes que existiam na época. Isso trouxe novos desafios, problemáticas e possibilidades para a comunicação. A complexa mudança na criação de novas formas de interação e, em consequência, com a informação gerada pelo universo que o microcomputador ajudou a criar, influenciaram fortemente a vida social, onde os componentes eletrônicos, gradativamente, passavam a fazer parte da vida das pessoas, integrando o seu cotidiano, gerando novas vontades de consumo e criando um novo nicho de informações.

O que fortalecia cada vez mais a substituição do técnico especialista pelo *amadorismo* dentro das redes: não era mais necessário ser um especialista em comunicação ou em informática , para criar conteúdos ou usufruir dos benefícios que o microcomputador trazia. A articulação entre produzir e distribuir bens culturais simbólicos, informação e conhecimento era arrancada das mãos dos especialistas, desta vez por mentes e mãos inquietas de jovens e adolescentes do mundo todo. Chega-se, dentro de um cenário da guerra simbólica que o império desenhou, à uma plataforma aberta e libertária que ele também nunca desejou.

A tecnologia, com base no esforço humano – e de toda humanidade – passa a abrir caminhos, cada vez mais amplos e diversos, para os povos, grupos e movimentos sociais que, senhores da palavra e do pensar, pareciam não existir, escondidos nas narrativas hegemônicas, marcantes na teoria e nas práticas dos chamados meios de

comunicação (*de massa*) ou da academia (*sem ela*). Uma subversão cultural em dimensões impensadas pedia passagem, se impunha. Quando a *massa*, em multidões articuladas se apresentaram e , politizadas, ocupam ruas, praças e no ciberespaço articuladas, de novo o susto e o medo.

O império reage e no grupo do G-8 se reúne para debater a crise árabe que, no fundo, desnuda a crise do modelo de democracia, política e simbólica, e econômica em que sustenta a sua ordem violenta no mundo. Facebook, que nada!: a rebelião se organizou nos espaços que homens e mulheres simples controlam e atuam, a rua. A internet como aliada, apenas acelera o pulsar das ruas, dos becos, dos silêncios e das exclusões. Quem duvidar, reveja a *Batalha da Argélia*⁷ e verá que, mesmo sem a internet e contra a mesma lógica da opressão e do controle, a rebeldia se espalhada quando, contraditoriamente, os insubmissos e insubmissas cedem as mãos, abraçando a esperança⁸.

Numa crença, ilusória e infundada, de que podem construir a realidade, tais meios – e os seus ocupantes – não viram que , obsoletos nos seus tempos e métodos, os sujeitos sociais quase-invisíveis estão tomando o mundo? Da praça Tahrir, à singela ocupação da 8 de maio, em Coimbra, onde discursou Boaventura de Sousa Santos, para uma platéia nunca vista, às vagabundas ou marcha de liberdade ou da maconha, tanto faz, o encontro com as *palavras comunicantes* dos zapatistas, numa lírica e militante ocupação do ciberespaço, ao reencontro dos posseiros urbanos que, em Goiânia dos anos 70 e 80 do século passado, articularam, talvez, a primeira rede de comunicação para os embates simbólicos na luta pela posse do solo urbano (MARINHO,2009).

3. O risco de ciberespionagem e a estratégia militar da informação digital

“War is nothing if not a constant process of adaptation. Today, anyone armed with a digital camera and access to the internet can become an information warrior, potentially reaching global audiences. Twitter, YouTube, Facebook and blogs have become as important to the strategy outcome of military operations as bullets, troops and air power.” (COLLINGS e ROHOZINSKI, *op.cit*:11)

Para compreender o uso da informação como um componente importante da estratégia militar e de guerra na era contemporânea, é necessário que esforços significativos sejam desempenhados em relacionar contextos históricos anteriores, onde

⁷ . *La Battaglia di Algeri (A Batalha de Argel)*, de Gillo Pontecorvo, 1996.

⁸. Neste sentido, consultar Rocha (2011).

a comunicação e a informação se fazem presentes como elementos constitutivos de um inexplicável desejo de dominação de algumas nações sobre as outras.

Assim como na espionagem convencional, a ciberespionagem é uma atividade militar e vem de estratégias de interceptação indevida dos fluxos de distribuição da informação nas diferentes redes sociais. Portanto, entender os riscos e desafios que a comunicação enfrenta, com o uso indevido das informações no complexo fluxo de dados, oferecidos pelo ciberespaço, é necessário entender, primeiro, os atores sociais virtuais envolvidos em suas redes de socialização para, depois, os conflitos aí gerados.

Entende-se por rede social uma estrutura que é composta por atores que estão interligados por meio de uma relação, seja ela de amizade, interesse comum, crença em determinada ideologia, religião, filosofia, entre outros aspectos. O relacionamento entre estes usuários não se dá de forma hierárquica, mas sim igualitária, dado que se encontram num espaço e em circunstâncias comuns, e é, graças a isso e à grande abertura das redes sociais, que as ligações entre as “pessoas” são estabelecidas de uma maneira mais simplificada, mas, por outro lado, também se desfazem mais rapidamente.

É importante referir que redes sociais não significam o mesmo que *saites* de redes sociais, pois estes mesmos *sítios* distinguem-se pela sua principal função, que é a exposição pública das redes ligadas aos atores sociais virtuais, não apenas sistemas. Esse é o ambiente de atuação do jornalismo compartilhado.

“Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Um ator, assim, pode ser representado por um *weblog*, por um *fotolog*, por um *twitter* ou mesmo por um perfil no Orkut. E, mesmo assim, essas ferramentas podem apresentar um único nó (como um *weblog*, por exemplo), que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo blog coletivo)”. (RECUERO, 2009, p.25)

O que significa, portanto, que o conflito existente nas relações sociais dentro do ciberespaço são fenômenos que podem ser compreendidos na linguagem e nas trocas efetivas de informação entre os atores envolvidos. Pois, é justamente nesse contexto conflituoso ou harmonioso das trocas linguísticas que a perspectiva militar passa a atuar por meio da ciberespionagem, como elemento estratégico de afirmação de uma determinada ideologia ou posicionamento político. As estratégias bélicas na cibercultura também se apropriam dos discursos diretos e indiretos dos atores sociais como estratégias de difusão ideológica.

As palavras passam a ser grandes armas:

“For the U.S. Military, new media and the Global Information Environment (GIE) present sustained challenges and opportunities. In recent years, new adversaries – armed with new media capabilities and an information-led warfighting strategy – have proven themselves capable of stopping the most powerful militaries in the world”. (COLLINGS e ROHOZINSKI, op.cit:14)

Os exemplos mais significativos dessas redes militares são projetos mantidos diretamente pelos governos como o ECHELON, Carnívore, GhostNet e outros. O mais antigo e talvez mais complexo deles seja o ECHELON pelo fato da sua existência pioneira representar uma nova era política de controle das informações que circulavam as tecnologias da comunicação existentes. Também era característico dessa política, associar o controle dos conteúdos feitos secretamente com a justificativa de garantir aos cidadãos toda a segurança necessária para estar no ciberespaço e evitar a “*criminalidade*”, supostamente trazida pelos hackers.

A intervenção estatal no fluxo da informação, bem como o controle dos veículos de comunicação e de outras tecnologias da informação (telefone, fax e etc) consolidam também uma nova lógica de pensamento militar à algumas nações, até então marcadas pelas práticas convencionais e analógicas desse controle. A ciberespionagem passou a ser praticada com a falsa premissa de prevenir conflitos com o controle da informação, para não ter que posteriormente remediar futuras situações conflituosas com armas ou intervenções mais violentas. A violência está nela contida.

Echelon é uma sigla (há rumores de que existam outras siglas para o mesmo significado) utilizada para denominar um projeto automatizado de interceptação global de informações, coordenado pelas agências de inteligência de cinco países: Estados Unidos (United States National Security Agency), Nova Zelândia, Reino Unido (Britain's Government Communications Headquarters), Canadá e Austrália (Australian Defence Signals Directorate). Seria um dos muitos outros projetos de espionagem que surgiram depois do acordo UKUSA⁹, firmado entre esses cinco países em 1947.

Existem ainda outros órgãos relacionados que garantem apoio estrutural e de processamento para as atividades da UKUSA, como o AUSCANNZUKUS¹⁰ também chamada de “Five Eyes”. Iniciado em 1971, o Echelon expandiu suas capacidades e prioridades de utilização, adaptando-se às tecnologias que foram surgindo ao longo das

⁹ The United Kingdom – United States of America Agreement

¹⁰ Grupo naval C4 (Command, Control, Communications and Computers): organizações interoperacionais envolvendo Austrália, Canadá, Nova Zelândia, e Reino Unido

décadas. Atualmente, estima-se que possua uma robustez gigantesca, capaz de interceptar mais de 3 bilhões de tipos de informações diferentes todos os dias, incluindo ligações telefônicas, mensagens de e-mail, downloads, transmissões via satélite e etc.

Basicamente, o projeto captura essas informações de forma indiscriminada e, depois, as filtra por meio de complexas tecnologias de indexação utilizadas por programas desenvolvidos com certos níveis de inteligência artificial. Alguns estudos afirmam que ele é capaz de filtrar 90% das conexões de internet no mundo todo. A maneira como processa essas informações é das mais diversas possíveis. Relatos e estudos sobre o projeto supõem, por exemplo, que ele possua, de fato, uma estrutura massiva de antenas de interceptação de sinais via satélite.

Acomplados a isto, estão ondas de rádio hertzianas e outros dispositivos menores que funcionam como “sniffers¹¹” de tráfego de informação em grandes servidores, que provém serviços básicos da internet (como servidores DNS e rootservers) bem como softwares de escaneamento de conteúdos, palavras e frases de textos em circulação na grande rede que interessem objetivos específicos de cada país pertencente ao projeto. Vários centros de processamento seriam responsáveis então por filtrar, armazenar e posteriormente, usufruir dessas informações. Sabe-se que alguns desses centros funcionam nos Estados Unidos (próximos a região de Denver), Inglaterra (Menwith Hill), Austrália, e Alemanha.

Nenhuma desses cogitações não passariam de piadas sem graça se não fosse o surgimento de evidências concretas sobre a presença constante do projeto em vários lugares do mundo. A primeira delas, em 1982, quando mergulhadores americanos encontraram vários sistemas de escuta em cabos subaquáticos de transmissão de linhas telefônicas. Não se sabe se depois da explicitação do caso, os dispositivos deixaram de funcionar ou ainda se haviam outros tipos de dispositivos com outras finalidades.

O governo americano negou (e ainda nega até hoje) que o projeto exista, mas o australiano confirmou a sua existência. Mesmo depois dessa revelação, preferiu não fazer comentários. O primeiro relatório oficial sobre o Echelon surgiu em 1988. Depois das revelações australianas, o Scientific and Technical Options Assessment (STOA), órgão europeu responsável por implementar medidas para a o avanço da ciência na europa, divulgou estudos que explicitavam atividades do projeto, destacando, assim, que as potencialidades do projeto haviam sido subestimadas até então¹²

¹¹ Software analisador de pacotes ou protocolos de conexão em determinadas redes.

¹² . "The ECHELON system forms part of the UKUSA system but unlike many of the electronic spy systems developed during the cold war, ECHELON is designed for primarily non-military targets: governments, organisations

Um outro relatório mais recente, "Interception Capabilities 2000", revela as atividades e potencialidades do ECHELON, com mais riqueza de detalhes. Naquele mesmo ano, a agência de inteligência italiana investiga evidências se o projeto, de fato, tinha como alvo de interceptação de informação os civis europeus. O Parlamento da Dinamarca também iniciou um estudo sobre o caso.

De forma resumida, o ECHELON nada mais é do que a união não harmoniosa dos produtos informacionais dos atores sociais com as novas tendências estratégicas militares através da espionagem digital governamental procura alcançar: controle do fluxo informacional. Pesquisar a ciberespionagem, então, é também compreender os limites da privacidade e dos direitos civis globais aplicados à rede e a comunicação em si. E os limites do que se diz democracia, com base em princípios das estratégias militares aplicadas no ciberespaço e nas torturas em busca de informações que o controle não deu conta, onde os meios de comunicação convencionais, e das elites, também estão implicados¹³. Até à alma, pelo visto:

Little is know of the sophistication of state-based cyber espionage capabilities, such as those of the United States, Israel and the United Kingdom, all considered leaders in this field. They are assumed to be considerable as the security doctrines of these countries treat cyberspace as a strategic domain equivalent to that of land, air, sea and space. (Deibert e Rohozinski,2009:7)

Por que, afinal, jornais e jornalistas não falam dessas coisas tão estratégicas e tão fundamentais, numa conspiração cotidiana contra as liberdades, coletivas e individuais?

4. Conclusão - compartilhando

and businesses in virtually every country. The ECHELON system works by indiscriminately intercepting very large quantities of communications and then siphoning out what is valuable using artificial intelligence aids like Memex to find key words. Five nations share the results with the US as the senior partner under the UKUSA agreement of 1948, Britain, Canada, New Zealand and Australia are very much acting as subordinate information servicers.

"Each of the five centres supply "dictionaries" to the other four of keywords, phrases, people and places to "tag" and the tagged intercept is forwarded straight to the requesting country. Whilst there is much information gathered about potential terrorists, there is a lot of economic intelligence, notably intensive monitoring of all the countries participating in the GATT negotiations. But Hager found that by far the main priorities of this system continued to be military and political intelligence applicable to their wider interests. Hager quotes from a "highly placed intelligence operatives" who spoke to the Observer in London. "We feel we can no longer remain silent regarding that which we regard to be gross malpractice and negligence within the establishment in which we operate." They gave as examples. GCHQ interception of three charities, including Amnesty International and Christian Aid. "At any time GCHQ is able to home in on their communications for a routine target request," the GCHQ source said. In the case of phone taps the procedure is known as Mantis. With telexes its called Mayfly. By keying in a code relating to third world aid, the source was able to demonstrate telex "fixes" on the three organisations. With no system of accountability, it is difficult to discover what criteria determine who is not a target."

PE 166.499, supra note 9, at 19-20

¹³ Para isto, basta . para ver a conexão estreita entre meios de comunicação, bancos, editoras e estruturas de poder em escala mundial. Conferir *Inforwar/psychic war*, em www.universite-tangente.fr/st

Diante de todos os riscos, às vezes perversos porque quase nunca ditos, aos quais os sujeitos criadores se encontram expostos, a proposta de jornalismo compartilhado¹⁴ (onde o movimento de transparência hacker empresta apoio, informações e estratégias) parece ultrapassar as barreiras das tentativas de se impor limites, pela censura ou pela chantagem cibernética, das políticas silenciosas - ou ,noutra dimensão, a ciberespionagem – de alguns Estados e controle da informação, numa concepção de guerra, dentro do ciberespaço.

Como exemplo desta possibilidade, bem concreta, o *Outras Palavras* (<http://www.outraspalavras.net/>) supera limites do Diplô, versão brasileira do *Monde Diplomatique*, rompe, como portal, de determinados engessamento do que vem a ser jornalismo **numa concepção conservadora e do mercado neo-liberal, a notícia como mera mercadoria**. Descola-se deste campo, desta guerra, e se finca no outro lado da barreira (TRONTI,1977). Cria, reinventa. Ou seja:

Procuram retomar um jornalismo que se tornou conhecido pela profundidade e espírito crítico. Mas pretendem associar estas virtudes à revolução da web 2.0, das trocas par-a-par e da difusão não-mercantil de informação e outros bens culturais. A aposta é que tais tendências *podem* superar a mídia de massas e o controle social exercido por ela, estabelecendo novas relações entre o ser humano e a narrativa do presente. Tornar real esta *possibilidade* exigirá, porém, trabalho, compartilhamento, alma e criação. É a esta aventura coletiva que *Outras Palavras* procurará somar-se, nos próximos anos (Martins, 2010:1)

Considerar a urgência de uma (re) invenção do que vem a ser as práticas e os destinos, como projeto civilizacional libertador , do jornalismo. Algo muito além de reproduzir declarações, sem qualquer vinculo com a realidade concreta das pessoas, das cidades, do lugar onde vivem. Ou , ainda, sem articular os fios de uma coisa com as outras coisas, processos ou fenômenos sociais, políticos, culturais e econômicos que se dão no mundo, em cada momento. Em resumo, “*são textos produzidos em poucas horas, com base em centenas de fontes alternativas, que permitem enxergar o que a mídia de mercado não se esforça em ver (e, muitas vezes, procura ocultar...)*.” (idem)

Ciente de que o compartilhar vai além de socializar informações ou conhecimento, o projeto criou sua Escola de Comunicação Compartilhada, que funciona como laboratório permanente destas práticas e, a cada 15 dias, há oficinas sobre “técnicas e tecnologias da mídia digital”, que incluem formas de captar, selecionar e

¹⁴ . Neste rumo, e dando um outro tipo de resposta, o Mídia Compartilhada (*Mediapart*, em paris) com 45 jornalistas – que detêm o controle acionário, mas num interessante novo código deontológico com os seus acionistas - tem três edições diárias, nos sete dias da semana e se recusa a viver de qualquer tipo de publicidade.

traduzir informações para múltiplos formatos desse universo das mídias livres, bem como “ aprender como “ organizar uma rede social, uma tv ou rádio digital”. Isto ocorre porque, o coletivo de jornalistas acredita que :

A emergência da comunicação compartilhada como uma das possíveis transformações compartilhadas d enosso tempo, uma semente de pós-capitalismo.Sociedades que dependem de um pequeno grupo de individuos ou empresas, para a narrativa de seu próprio presente, podem ser mais facilmente controladas. A possibilidade de sermos todos comunicadores, de trocarmos com o mundo, sem *intermediação*, nossos relatos, opiniões, inquietações e utopias é imensamente transformadora.Mas a comunicação é, também, um conjunto de éticas, linguagens, técnicas e tecnologias cujo conhecimento pode ser decisivo para receber, interpretar, reprocessar criticamente e retransmitir ideias(*ibid*).

Um processo longo em que a comunicação e o jornalismo da UFG, enquanto esferas autônomas, bem elaboradas e subversivas, sempre estiveram coladas e, nos limites da tolerância ou intolerância internas, sempre também souberam construir um caminho e um projeto compartilhados junto aos movimentos e grupos sociais, além de povos, a exemplo da parceria com os posseiros urbanos e a construção de seu projeto de comunicação. Com quatro transmissores para rádios livres, articulados, um jornal (Quatro de Outubro –al luta pela posse da terra), a tv comunitária ambulante, dezenas de boletins, o teatro, seus repentistas , poetas e cantadores, fizeram, da década de 70, o uso articulado em forma de rede, para os embates das lutas urbanas, e, assim, de maneira antecipatória, ocupam as ruas, as praças também no sentido metafórico, há muito tempo:

(...) Então, por exemplo, a situação do Parque Anhanguera nós tínhamos lá umas seiscentas pessoas. Eu tinha uns 150 a 200 hormas da policia com cachorro, caminhão... em 1986, por aí. Então eu estava com a TV Ambulante para gravar o que ia acontecer. Porque ía acontecer era uma tragédia, uma carnificina.... Desci da bicicleta e fui cuidar da minha função que era de registrar o que viria acontecer, e os posseiros iriam cuidar de fazer a interlocução com a policia. Quando a policia efetivamente encontrou, ela já me viu com a câmera e eu gravei toda a policia e os caminhões, todo mundo... Afastei e fiquei de longe com a câmera ligada só esperando o que ía acontecer... durante uma hora eu fiquei distante de tal sorte que se algum policial viesse me tomar a câmera ele seria antes gravado. Então, o comandante ficou lá entre mandar me tomar a câmera, mandar entrar na aérea ou ver a terceira alternativa que pudesse acontecer. Eu fiquei ali... ele me olhando e eu olhando ele. Ele me mirando e eu ele.... nós ficamos ali nós dois e no meio uma câmera de vídeo ligada e a população tensa, mulheres choravam, crianças e tal e ali tinha enxadão, facão, foice, machado, tinha tudo ali pronto para um troço que eu nao teria idéia o que seria o resultado. ... Resultado, hoje o Parque Anhanguera tá lá. Pode não ter sido esse o momento que resultou no que é hoje o Parque Anhanguera, mas esse foi um dos momentos que somou-se na resistência para dar hoje o que o Parque Anhanguera é. E de noite fomos passar o vídeo para as pessoas assistir e até fazer essa reflexão: “ o que foi aquela

câmera de vídeo”. ... as pessoas quando iam fazer uma ocupação, a primeira coisa que elas perguntavam é se tinha chegado a TV Ambulante e tal. (MARINHO,2009:83-84)

Herdeiros , por direito e por sonhos, desse processo todo, o coletivo *Magnifica Mundi* e parceiros dos movimentos sociais populares retomam, agora, as alianças e preparam o seu portal de comunicação compartilhada para, desta maneira, tática e estrategicamente, contribuir nas batalhas locais ou planetárias pela ampla liberdade do pensar, do fazer e do existir – onde está também a liberação dos métodos e de suas metodologias do fazer didático-pedagógico, na dinâmica social e, de modo especial também, nos corredores da UFG, onde estes embates se dão porque parte de um todo . Universo de insubmissão e rebeldias amplas, em que cada um se realize, como direito e destino, no seu projeto de dignidade.

Desse modo, esses coletivos sabem de que lado da barreira, dentro e fora do ciberespaço, se encontram e se realizam. Mas só se lutam as lutas que realmente libertam. De resto, é conversa fiada.

Bibliografia

- AIGRAN, Philippe .”A era dos bens comuns”. Diplô Brasil, 1º out,2005. In <http://diplomatie.uol.com.br> . acesso em 06.06.2011.
- BARBERO, Heredito e LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de Radiojornalismo. S. Paulo: Ed. Campus.2001
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude *Cultural Reproduction and Social Reproduction*, 1973
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- COHEN, Stanley *Folk Devils and Moral Panics*, New York,1972
- COLLINGS, Deirdre. ROHOZINSKI, Rafal. *Bullets and Blogs – New media and warfighter*. Carlisle Barracks, Pennsylvania, U.S. Army War College, 2008.
- DEIBERT, Ronald. PALFREY, John. ROHOZINSKI, Rafal. ZITTRAIN, Jonathan. *Access Denied – The practice and policy of Global Internet Filtering*, The MIT Press, 2008:11
- DEIBERT, Ronald. PALFREY, John. ROHOZINSKI, Rafal. ZITTRAIN, Jonathan. *Access Denied*
- DEIBERT, Ron. ROHOZINSKI, Rafal. *Tracking GhostNet: Investigating a Cyber Espionage Network*. Munk Centre of International Studies. SecDev Group. University of Toronto, Ottawa, Canadá, 2009
- DI FELICE, Massimo . “As armas comunicantes: o pape da comunicação nos novos movimentos revolucionários- o caso zapatista”.In PERUZZO, Cicilia Maria K. (org.). S. Paulo: Angellara. 2004..
- DREYFUS, Suelette. ASSANGE, Julian. *Underground: hacking, madness and obsession on the eletronic frontier*. Random House, Australia 1997.
- *The practice and policy of Global Internet Filtering, The MIT Press, 2008:11*
- LEMOS, André. *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*, 4ª Ed., Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.
- LIBICKI, Martin C. CYBERDERTERRENCE and CYBERWAR. Santa Mônica: Rand Corporation. 2009.
- LISTER, Martin *et al*. *Mew Media: a critical introduction*. London/N.York: Routledge. 2009.
- MANN, Charles C.1491.Novas revelações das Américas antes de Colombo.S. Paulo: Objetiva. 2007
- HARDT, Michel e NEGRI, Antonio . *Império*. S. Paulo: Record. 2001.

MARCONDES, Ciro Filho . O capital da notícia – o jornalismo como produção social da segunda natureza. S. Paulo: Ática. 1986.

MARINHO, Marcelo Benfca. A imprensa alternativa e a comunicação comunitária em Goiás – Década 70/80: da resistência à cidadania.

MING, Wu. “ Zapatismo ou Barbárie”. In: <http://anarquismo.org> . julho-2003. Acesso 29.03.2007

NEGRI, CAIO el al. Rádios Livres e a Reforma Agrária no Ar. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PASQUINELLI, Matteo.(2002) *Mediactivismo.Estratégias y practicas de la comunicacion independiente..*DeriveApprodi.Roma. Versão eletrônica IN:

<http://www.rekombinant.org/old/media/media-activismo/mediaactivism-cas.pdf> . acesso em 30.1.2008

PERUZZO, Cicilia Maria K. “Comunidades em tempo de redes”. In PERRUZO *et al.* Comunicación y Movimientos Populares: cuales redes? S. Leopoldo: Unisinos.2002

QUÉAU, Philippe (2004). " Cibercultura e info-ética". In Morin, Edgar. *A religião dos saberes - odesafio do século XXI*. Rio de Janeiro. Bertrandd Brasil. In Morin, E.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*, Porto Alegre, 2009

ROCHA, Nilton J. dos Reis. “Por uma comunicação insubmissa.Movimentos sociais e redes populares na Web: Os grandesdesafios do presente”. In *Cabo dos Trabalhos*, Centro de Estudos Sociais.Universidade de Coimbra. 2011. In

http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n5/documentos/8_NiltonRocha.pdf

ROCHA, Nilton J. dos Reis. O circo e seus sonhos andantes. In Peruzzo, Cicilia Maria K.(org.). S. Paulo: Angellara. 2004.

ROCHA, Nilton J. dos Reis e GOUVEIA, José Vanderley. “ E a aranha teceu os fios compridos: a felicidade de ser um comum dos mortais nesse mundo mundializado”. In **PERUZZO**, Cecilia Maria K. “Comunidades em tempo de redes”. In PERRUZO *et al.* Comunicación y Movimientos Populares: cuales redes? S. Leopoldo: Unisinos. 2002.

ROCHA, Nilton J. dos Reis e Coletivo Magnifica Mundi. “ O Projeto Brabo e suas histórias longas, muito longas”. ”. In MAIA, Juarez Ferraz de (org.). Jornalismo UFG. Goiânia: Cegraf. 2010

RODRIGUES, Maria de Jesus. Retrados de lembranças. Goiânia: Kelps. 2009

SOUSA, Ana Lúcia Nunes *et al.* “ Magnifica Mundi, onde muita coisa se inicia”. In MAIA, Juarez Ferraz de (org.). Jornalismo UFG. Goiânia: Cegraf. 2010.

TINNEL, Laura S. Cyberwar Strategy and Tactics. An analysis of Cyber Strategies, Tactics, and Techniques. N. York: West Point. 2002

THOMPSON, K.(1998) *Why the panic? The topicality of the concept of moral panics*. In: Thompson, K. Moral Panics. Routledge, pp:1-30

TRONTI, Mario (1977) *Ouvriers et capital*. Paris:Christian Bourgois Éditeur

Links:

<http://www.hartford-hwp.com/archives/29/038.html>

http://en.wikipedia.org/wiki/Echelon_%28signals_intelligence%29

http://www.europarl.europa.eu/stoa/publications/studies/default_en.htm

<http://en.wikipedia.org/wiki/AUSCANNZUKUS>

http://en.wikipedia.org/wiki/Five_Eyes